

Tribunal vai decidir sobre o pedido de prisão para delegado

Crisanto é acusado de comandar ação que acabou em tiroteio e morte

LAYRCE DE LIMA

Originada do treinamento militar ou reforçada pelo poder conferido pela insígnia ou arma de fogo, a violência policial em Brasília pode ser menos frequente do que em outras cidades, mas também faz parte do cotidiano da capital do País. Exemplo é o pedido de prisão preventiva contra o delegado-chefe da 19ª DP (Ceilândia), Francisco de Assis Barreiro Crisanto, feito pelo promotor criminal de Ceilândia, Getúlio Lima.

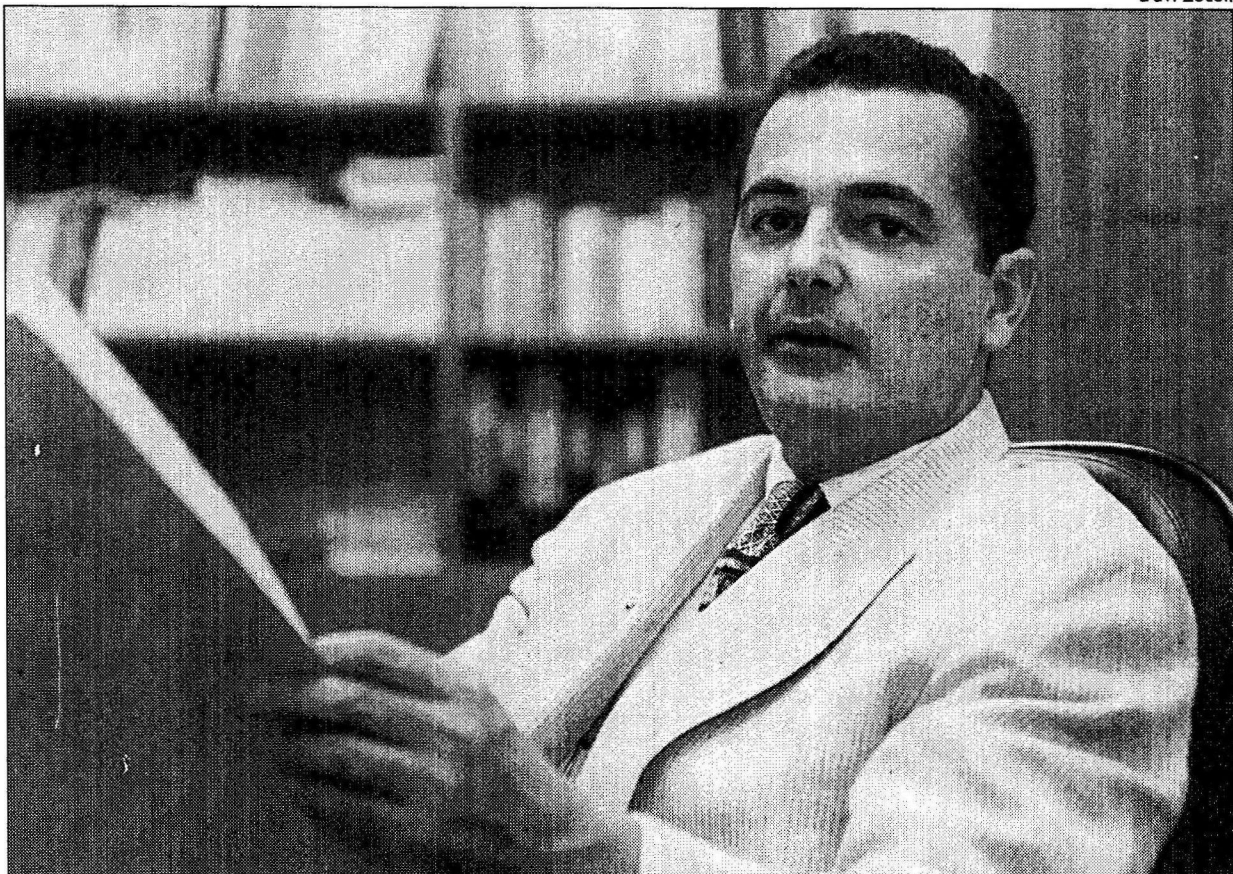
Getúlio Lima redigiu o pedido de prisão contra o delegado no dia 18 de dezembro do ano passado baseado em 11 depoimentos. Embora tenha aceitado a denúncia, o juiz Enos da Costa Palma, de Ceilândia, rejeitou o pedido de prisão. Agora, um novo recurso de Getúlio Lima ao Tribunal de Justiça do DF deve receber resposta de um dos desembargadores da Câmara criminal nos próximos dias.

Depois disso, o medo e a tensão começaram a fazer parte da vida de Getúlio. Ele então começou a andar de colete à prova de balas e depois aceitou a companhia de um segurança para protegê-lo durante todo o tempo em que não está dentro do Fórum, temendo uma reação do delegado. Crisanto nega que tenha feito qualquer ameaça ao promotor.

Operação - A denúncia contra Francisco Crisanto diz respeito à morte de Adilson Souza de Oliveira, na madrugada do dia 18 de dezembro de 1994. De acordo com os depoimentos colhidos pelo promotor, os agentes da 19ª DP, comandados por Francisco Crisanto, invadiram a casa 29 da QNN 24, conjunto M, na Guariroba, e apontaram suas armas para crianças e pessoas inocentes, a fim de efetuar a prisão de Adilson.

Levado da casa pelos agentes, Adilson reapareceu no dia seguinte Hospital Regional de Ceilândia (HRC) e morreu em consequência de ferimentos a bala. "O crime ocorreu por simples vingança", declara o promotor na denúncia.

Algumas horas antes de morrer, Adilson participava de um churrasco na QNP 18, conjunto "D", casa 39, no Setor P Sul, em Ceilândia. Um chamado dos vizinhos, incomodados com o barulho da festa e de disparos de armas de fogo, exigiu a ação policial que terminaria com violência.



Promotor Getúlio Lima passou a andar com segurança e colete à prova de balas por temer represálias

Marcos de Oliveira



Delegado Crisanto garante que é inocente, afirma que não estava na operação e se diz vítima de perseguição

Crisanto diz que está sendo perseguido

"Ele tem que pedir prisão é dos marginais, e não ficar querendo aparecer", reage o delegado Francisco Crisanto, ao ser perguntado sobre o pedido de prisão preventiva reiterado pelo promotor Getúlio Lima no Tribunal de Justiça. O delegado sustenta que está sendo perseguido pelo Ministério Público desde que impediu a entrada dos promotores na Delegacia de Polícia para uma vistoria das instalações. "Se eu fosse um delegado que não trabalhasse, a população ia fazer passeata pra que eu voltasse quando sai?", provoca.

Há nove anos na 19ª DP, Crisanto garante que não esteve presente na ope-

ração que resultou na morte de Adilson Oliveira. "Só saí daqui depois do confronto na QNN 24", diz. Em defesa de seus agentes, Crisanto conta que muitos policiais civis de quase todas as delegacias de polícia se dirigiram para a Ceilândia naquele dia. "Não há como controlar, isso acontece toda vez que morre um policial", admite.

Ação - O delegado defende a tese de que, ao ver tantos agentes em seu encalço, Adilson teria resistido à prisão, o que resultou tanto no confronto físico como no tiroteio, confirmados pelos depoimentos das testemunhas e pelo laudo cadavérico. Contra as alegações de que participou da invasão à casa da QNN,

Crisanto responde: "Eu gosto de comandar operações, mas não participo das que são compostas por agentes de outras delegacias", garante.

Para o delegado, o confronto do dia 18 de dezembro de 94 foi muito pior para a Polícia Civil. "Mataram meu plantão, eu tinha cinco agentes, mas um morreu e dois ficaram feridos", explica. Embora insista na tese de perseguição por parte do Ministério Público, Crisanto chega a admitir a hipótese de ser preso. "Podem me prender se quiserem. Eu tenho certeza da minha inocência e não vou ser pronunciado", confia.

Apoio - Uma moção aprovada no dia 19 de março, atesta o apoio de todos

os delegados do DF em favor de Crisanto. Assinado pelo presidente do Sindicato dos Delegados, Achilles de Oliveira, o texto reitera a versão de perseguição contra o titular da 19ª, chamando os promotores de Ceilândia de "vulgarizadores e ridicularizadores do nobre instituto da denúncia".

Enquanto aguarda o desenrolar do processo na Justiça, Francisco Crisanto continua cuidando da delegacia, que atualmente tem 53 presos no xadrez. "Desarmamos mais do que oito delegacias juntas no ano passado", informa. Foram 300 armas apreendidas durante o ano de 96, além de 1,3 mil procedimentos instaurados.(LL)